

GREY

A close-up, high-contrast photograph of a person's eye. The iris is a striking, pale grey-blue color. The eye is looking directly at the viewer. The surrounding skin and eyelashes are in soft focus, creating a dramatic and intimate feel.

EL JAMES

CINQUENTA TONS DE CINZA
PELOS OLHOS DE CHRISTIAN



GREY

GREY

E L JAMES

CINQUENTA TONS DE CINZA
PELOS OLHOS DE CHRISTIAN

TRADUÇÃO DE
ADALGISA CAMPOS DA SILVA,
JULIA SOBRAL CAMPOS E
MARIA CARMELITA DIAS



Copyright © 2011, 2015 by Fifty Shades Ltd.

TÍTULO ORIGINAL
Grey

PREPARAÇÃO
Juliana Pitanga
Tamara Sender

REVISÃO
Carolina Rodrigues

DESIGN DE CAPA
Sqicedragon and Megan Wilson

FOTO
© ra2studio

DIAGRAMAÇÃO
editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

J81c

James, E L
Grey / E L. James ; tradução Adalgisa Campos da Silva, Maria
Carmelita Dias, Julia Sobral. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.

528p. : 23 cm
Tradução de: Grey
ISBN 978-85-8057-773-0

I. Ficção inglesa. I. Silva, Adalgisa Campos da. II. Dias, Maria
Carmelita. III. Sobral, Julia. IV. Título.

15-24181.

CDD: 823
CDU: 821.111-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
RUA Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Este livro é dedicado àqueles leitores que pediram...
e pediram... e pediram... e pediram por isso.
Obrigada a todos vocês pelo que fizeram por mim.
Vocês deixam minha vida melhor todos os dias.

AGRADECIMENTOS

A Anne Messitte pela orientação, pelo bom humor e pela confiança em mim. Pela generosidade com seu tempo e por não medir esforços para desenredar meu estilo, minha eterna gratidão.

A Tony Chirico e Russell Perreault, por sempre cuidarem de mim, e à fabulosa equipe de produção editorial e de design, que acompanhou este livro até a linha de chegada: Amy Brosey, Lydia Buechler, Katherine Hourigan, Andy Hughes, Claudia Martinez e Megan Wilson.

A Niall Leonard, por seu amor, apoio e orientação, e por ser o único homem que realmente consegue me fazer rir.

A Valerie Hoskins, minha agente, sem a qual eu ainda estaria trabalhando na televisão. Obrigada por tudo.

A Kathleen Blandino, Ruth Clampett e Belinda Willis: obrigada pela pré-leitura.

Às Lost Girls, pela preciosa amizade e pela terapia.

Às Bunker Babes, pela inteligência, sabedoria, amizade e apoio.

Às senhoras do FP, pela ajuda com meus americanismos.

A Peter Branston, por sua ajuda com a Terapia Breve Focada na Solução.

A Brian Brunetti, por sua orientação em pilotar um helicóptero.

À professora Dawn Carusi, por me ajudar a navegar pelo sistema de ensino superior dos Estados Unidos.

Ao professor Chris Collins, por me ensinar sobre ciência do solo.

À Dra. Raina Sluder, por seus esclarecimentos sobre saúde comportamental.

E por último, mas de forma alguma menos importante, a meus filhos. Meu amor por vocês é maior do que as palavras jamais poderão exprimir. Vocês trazem alegria à minha vida e a todos que os cercam. São jovens lindos, divertidos, inteligentes, sensíveis, e eu não poderia ter mais orgulho de vocês.

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE MAIO DE 2011

Tenho três carros. Eles andam depressa pelo chão. Muito depressa. Um é vermelho. Um é verde. Um é amarelo. Gosto do verde. É o melhor. Mamãe também gosta deles. Gosto quando mamãe brinca com os carrinhos comigo. Ela gosta mais do vermelho. Hoje, ela está sentada no sofá olhando para a parede. O carro verde entra voando no tapete. O vermelho acompanha. Depois o amarelo. Batida! Mas mamãe não vê. Faço isso de novo. Batida! Mas mamãe não vê. Miro no carro verde aos pés dela. Mas o carro verde vai para debaixo do sofá. Não consigo alcançá-lo. Minha mão é grande demais para o espaço. Mamãe não vê. Quero meu carro verde. Mas mamãe fica no sofá olhando para a parede. *Mamãe. Meu carro.* Ela não me ouve. *Mamãe.* Puxo sua mão, ela deita e fecha os olhos. *Agora não, seu verme. Agora não,* diz ela. Meu carro verde continua embaixo do sofá. Vai ficar sempre embaixo do sofá. Consigo vê-lo. Mas não dá para alcançá-lo. Meu carro verde está sujo. Coberto de pelo cinza e poeira. Quero ele de volta. Mas não consigo alcançá-lo. Nunca consigo alcançá-lo. Meu carro verde está perdido. E nunca vou poder brincar com ele de novo.

Abro os olhos e meu sonho se desvanece na luz do início da manhã. *Sobre que diabo foi isso?* Tento agarrar os fragmentos à medida que eles se afastam, mas não consigo pegar nenhum.

Deixando o pensamento de lado, como faço quase toda manhã, saio da cama e encontro no closet alguns moletons recém-lavados. Lá fora, um céu pesado promete chuva, e hoje não estou a fim de me molhar na corrida. Sigo para minha academia no andar de cima, ligo a tevê no noticiário matinal de negócios e subo na esteira.

Meus pensamentos se desviam para o dia. Não tenho nada além de reuniões, embora vá encontrar meu personal trainer mais tarde no escritório para uma sessão de exercícios. Bastille é sempre um desafio bem-vindo.

Será que devo ligar para Elena?

É. Talvez. A gente podia jantar esta semana.

Paro na esteira, ofegante, e sigo até o chuveiro para começar mais um dia monótono.

— AMANHÃ — RESMUNGO, DISPENSANDO Claude Bastille, que está parado na entrada do meu escritório.

— Golfe esta semana, Grey?

Bastille sorri com suave arrogância, sabendo que sua vitória no campo de golfe é garantida.

Fecho a cara para ele quando vira as costas e sai. É como se suas palavras de despedida esfregassem sal nas minhas feridas, porque, apesar das minhas heroicas tentativas durante nossos exercícios hoje, meu personal trainer me deu uma surra. Bastille é o único homem que pode me vencer, e agora ele quer me superar mais uma vez, no campo de golfe. Detesto golfe, mas tantos negócios são feitos nos campos, que tenho que suportar as aulas dele lá também... E, embora eu odeie admitir isso, jogar contra Bastille melhora, sim, o meu jogo.

Enquanto olho pela janela para a silhueta de Seattle, o tédio familiar se infiltra na minha consciência sem ser chamado. Meu estado de espírito reflete o tempo: monótono e cinza. Meus dias vão se misturando indistintamente, e agora, no confinamento do meu escritório, estou indócil. Eu não devia me sentir assim, não após vários rounds com Bastille. Mas me sinto.

Franzo o cenho. A verdade é que a única coisa que vem prendendo meu interesse recentemente é minha decisão de enviar dois navios cargueiros para o Sudão. Isso me lembra que Ros deve me responder com números e logística. *Por que ela está demorando com isso?* Verifico minha agenda e estico o braço para pegar o telefone.

Droga. Tenho que aguentar uma entrevista com a persistente Srta. Kavanagh para o jornal dos alunos da WSU. *Por que cargas d'água aceitei fazer isso?* Abomino entrevistas e perguntas idiotas de gente invejosa mal-informada que tem a intenção de sondar minha vida particular. *E ela é uma estudante.* O telefone toca.

— Sim — digo a Andrea rispidamente, como se ela tivesse culpa. Pelo menos posso fazer essa entrevista ser breve.

— A Srta. Anastasia Steele está aqui para falar com o senhor, Sr. Grey.

— Steele? Eu estava esperando Katherine Kavanagh.

— É a Srta. Anastasia Steele quem está aqui.

Odeio o inesperado.

— Mande-a entrar.

Ora, ora... A Srta. Kavanagh não está disponível. Conheço o pai dela, Eamon, dono da Kavanagh Media. Já fizemos negócios juntos, e ele parece ser um empresário inteligente e um ser humano racional. Essa entrevista é um favor que estou fazendo a ele, o qual pretendo cobrar quando me for conveniente. E tenho que admitir que eu estava ligeiramente curioso sobre a filha dele, interessado em ver se ela puxou ao pai.

Um alvoroço à porta me faz levantar quando um turbilhão de cabelo castanho, braços e pernas pálidos e botas marrons mergulha de cabeça no meu escritório. Contendo minha irritação natural com tamanha falta de jeito, corro até a garota que caiu de quatro no chão. Segurando seus ombros estreitos, ajudo-a a ficar de pé.

Olhos límpidos, constringidos, encontram os meus e me deixam paralisado. São da cor mais extraordinária, azul-claros, e puros. Por um momento horrível, acho que ela pode me enxergar por dentro e fico... exposto. Esse pensamento é enervante, então eu o descarto imediatamente.

Ela tem um rostinho doce que está corando, assumindo um tom rosa-claro inocente. Por um instante me pergunto se a pele dela é toda assim — imaculada — e como ficaria rosa e quente depois de um golpe de vara.

Droga.

Detenho meus pensamentos erráticos, alarmado com a direção que estão tomando. *Que diabo você está pensando, Grey?* Essa garota é jovem demais. Ela olha boquiaberta para mim, e resisto a revirar os olhos. É, é, baby, é só um rosto e é só superficial. Preciso dispersar o olhar de admiração daqueles olhos, mas vamos nos divertir um pouco no processo!

— Srta. Kavanagh. Sou Christian Grey. A senhorita está bem? Gostaria de se sentar?

Aquele rubor de novo. Mais uma vez no comando, eu a analiso. Ela é bem atraente, magra, pálida, com uma cabeleira escura mal contida por um elástico de cabelo.

Morena.

É, ela é atraente. Estendo a mão enquanto gagueja o começo de um pedido de desculpas mortificado e coloca a mão na minha. Sua pele é fria e macia, mas seu aperto de mão, surpreendentemente firme.

— A Srta. Kavanagh está indisposta, e me mandou no lugar dela. Espero que não se importe, Sr. Grey. — Sua voz é calma, com uma musicalidade hesitante, e ela pisca erráticamente, os longos cílios se agitando.

Incapaz de esconder meu tom divertido quando me lembro de sua entrada nada elegante no meu escritório, pergunto quem ela é.

— Anastasia Steele. Estudo Literatura Inglesa com Kate, hum, Katherine... hum... a Srta. Kavanagh na WSU em Vancouver.

Tímida e estudiosa, hã? É o que parece: malvestida, o corpo esguio escondido por um suéter sem forma, uma saia evasê marrom e botas básicas. *Será que tem alguma noção de estilo?* Olha nervosamente em torno do meu escritório, para todo canto menos para mim, reparo com ironia, achando graça.

Como essa jovem pode ser jornalista? Não tem um pingo de firmeza. É atrapalhada, mansa... submissa. Desconcertado com meus pensamentos inadequados, balanço a cabeça negativamente e me pergunto se primeiras impressões são confiáveis. Resmungando alguma trivialidade, peço para ela se sentar, depois noto seu olhar entendido avaliando os quadros da minha sala. Antes de conseguir me deter, já estou explicando.

— Um artista local. Trouton.

— São lindos. Tornam extraordinário um objeto comum — diz ela de forma sonhadora, absorta na sofisticada destreza da obra de Trouton.

Seu perfil é delicado — nariz arrebicado, lábios macios, carnudos — e, com suas palavras, ela captou meus sentimentos com exatidão. *Tornam extraordinário um objeto comum.* É uma observação sagaz. A Srta. Steele é inteligente.

Concordo e observo, fascinado, aquele rubor se insinuar lentamente em sua pele mais uma vez. Quando me sento diante dela, tento controlar meus pensamentos. Ela tira de sua bolsa grande uns papéis amassados e um gravador digital. É toda atrapalhada, deixando o maldito objeto cair duas vezes na minha mesa de centro Bauhaus. É óbvio que nunca fez isso, mas por alguma razão que não consigo entender, acho divertido. Em circunstâncias normais, seu jeito estabonado me irritaria, mas no momento estou escondendo meu sorriso com o indicador e resisto ao desejo de configurar o gravador para ela.

Enquanto ela se atrapalha e vai ficando cada vez mais nervosa, penso que eu poderia aprimorar suas habilidades motoras com a ajuda de um chicote de montaria. Bem usado, é algo que pode controlar até a mais assustadiça das pessoas. O pensamento errático faz com que eu me remexa na cadeira. Ela me olha e morde o lábio inferior carnudo.

Merda! Como não notei quão convidativa é essa boca?

— Desculpe. Não estou acostumada com isso.

Dá para ver, baby, mas agora não estou nem aí porque não consigo tirar os olhos da sua boca.

— Não tenha pressa, Srta. Steele. — Preciso de mais um instante para organizar meus pensamentos.

Grey... pare com isso, já.

— O senhor se incomoda se eu gravar a entrevista? — pergunta ela, a expressão sincera e expectante.

Fico com vontade de rir.

— Depois de todo esse esforço para configurar o gravador, é agora que me pergunta?

Ela pisca, os olhos arregalados e perdidos por um instante, e sou tomado por uma pontada de culpa com a qual não estou familiarizado.

Deixe de ser tão chato, Grey.

— Não, não me importo. — Não quero ser responsável por aquele olhar.

— Kate, quer dizer, a Srta. Kavanagh, explicou-lhe para o que era a entrevista?

— Sim. Para sair na edição de formatura do jornal da faculdade, já que eu vou entregar os diplomas na cerimônia de graduação deste ano.

Por que cargas-d'água concordei com isso, não sei. Sam, da assessoria de imprensa, me disse que o departamento de ciências ambientais da WSU precisa de publicidade para atrair financiamentos adicionais e chegar à altura da doação que fiz para eles. Sam faz qualquer coisa por exposição na mídia.

A Srta. Steele pisca mais uma vez, como se isso fosse novidade para ela, e parece desaprovar. Será que não fez nenhuma pesquisa para a entrevista? Devia saber disso. A ideia me desanima. É desagradável, e não é o que eu esperava de alguém que está abusando do meu tempo.

— Ótimo. Tenho algumas perguntas, Sr. Grey. — Ela põe uma mecha de cabelo atrás da orelha, distraíndo-me da minha irritação.

— Achei que poderia ter — digo secamente.

Vamos fazê-la se contorcer. Obsequiosamente, é o que ela faz, depois se apruma e endireita os ombros. Ela pretende trabalhar. Inclinando-se à frente, aperta o botão do gravador enquanto olha para suas anotações amassadas.

— O senhor é muito jovem para ter construído um império deste porte. A que deve seu sucesso?

Com certeza ela é capaz de fazer melhor que isso. Que pergunta boba. Nem um pingo de originalidade. É decepcionante. Dou minha resposta de praxe de ter gente excepcional trabalhando para mim. Gente em quem confio, na medida em que confio em alguém, e pago bem, blá-blá-blá... Mas, Srta. Steele, o fato simplesmente é que sou brilhante no que faço. Para mim não há mistério algum. Comprar empresas falindo, mal-administradas, e reerguê-las, mantendo algumas, ou, se estiverem realmente falidas, tirar seus ativos e vendê-las para quem fizer a melhor oferta. É uma simples questão de saber a diferença entre uma coisa e outra, e invariavelmente isso se resume às pessoas encarregadas. Para ter sucesso nos negócios é preciso bons profissionais, e sei julgar as pessoas, melhor que a maioria.

— Quem sabe o senhor simplesmente tenha sorte — diz ela com calma.

Sorte? Um estremecimento de irritação me percorre. *Sorte?* Como ela se atreve? Parece uma menina modesta e tranquila, mas esse comentário... Ninguém jamais insinuou que eu tivesse sorte. Trabalhar duro, trazer gente comigo, manter essas pessoas sob estreita vigilância e criticá-las se for preciso e, se não estiverem à altura da tarefa, me desfazer delas. *É o que eu faço, e faço bem. Não tem nada a ver com sorte! Ora, vá para o inferno com isso.* Ostentando minha erudição, cito as palavras de Harvey Firestone, meu industrial favorito:

— “O crescimento e o desenvolvimento das pessoas é a maior ambição da liderança.”

— O senhor fala como um maníaco por controle — diz ela, absolutamente séria.

Que droga! Talvez ela *consiga* enxergar o que há dentro de mim.

“Controle” é meu nome do meio, querida.

Fuzilo-a com os olhos, na esperança de intimidá-la.

— Ah, eu controlo tudo, Srta. Steele. — E gostaria de controlá-la também, bem aqui, agora mesmo.

Aquele rubor atraente se insinua no seu rosto, e ela torna a morder o lábio. Fico divagando, tentando desviar a atenção daquela boca.

— Além do mais, é possível conquistar um imenso poder quando nos convençamos, em nossos devaneios mais secretos, de que nascemos para controlar.

— Acha que possui um imenso poder? — pergunta ela com uma voz doce, tranquilizadora, mas ergue as delicadas sobrancelhas com um olhar que transmite censura. Será que ela está deliberadamente tentando me provocar? Minha irritação aumenta.

— Emprego mais de quarenta mil pessoas, Srta. Steele. Isso me dá certo senso de responsabilidade, ou poder, se quiser chamar assim. Se eu resolvesse não me interessar mais por telecomunicações e vendesse minha empresa, em um mês, mais ou menos, vinte mil pessoas teriam dificuldade para pagar suas hipotecas.

Ela fica boquiaberta com minha resposta. Assim está melhor. *Toma essa, baby.* Sinto meu equilíbrio voltando.

— O senhor não tem um conselho ao qual precise responder?

— A empresa é minha. Não tenho que responder a ninguém. — Ela devia saber disso.

— E tem algum interesse fora o trabalho? — continua ela apressadamente, avaliando bem minha reação. Sabe que estou puto, e por alguma razão inexplicável isso me agrada.

— Tenho interesses variados, Srta. Steele. Muito variados.

Imagens dela em diversas posições no meu quarto de jogos passam pela minha cabeça: algemada na cruz, pernas e braços amarrados nas colunas da cama, estendida no banco de açoitamento. E, veja só, aquele rubor de novo. É como um mecanismo de defesa.

— Mas se trabalha tanto, o que faz para relaxar?

— Relaxar?

Essas palavras saindo de sua boca soam estranhas, mas divertidas. Além do mais, quando é que consigo tempo para relaxar? Ela não tem ideia do que eu faço. Mas olha para mim de novo com aqueles grandes olhos inocentes, e, para minha surpresa, me pego considerando a pergunta dela. *O que eu faço para relaxar?* Velejar, voar, trepar... testar os limites de morenas atraentes como ela e controlá-las... A ideia me faz remexer na cadeira, mas respondo tranquilamente, omitindo meus hobbies favoritos.

— O senhor investe no setor manufatureiro. Por quê, especificamente?

— Gosto de construir coisas. Gosto de saber como funcionam: o que faz com que funcionem, como construí-las e desconstruí-las. E tenho adoração por navios. O que mais posso dizer? — Eles transportam comida pelo planeta.

— Parece que é o seu coração falando e não a lógica e os fatos.

Coração? Eu? Ah, não, baby.

Meu coração foi atacado e ficou irreconhecível há muito tempo.

— É possível. Embora muitas pessoas digam que eu não tenho coração.

— Por que diriam isso?

— Porque me conhecem bem.

Dou um sorriso irônico. Na verdade, ninguém me conhece, exceto, talvez, Elena. Eu me pergunto o que ela acharia da pequena Srta. Steele aqui. A garota é um emaranhado de contradições. Tímida, desajeitada, visivelmente inteligente e excitante para cacete.

Sim, está bem, confesso. Acho-a atraente.

Ela recita de cor a pergunta seguinte.

— Seus amigos diriam que é fácil conhecê-lo?

— Sou uma pessoa muito fechada, Srta. Steele. Esforço-me muito para proteger minha privacidade. Não dou muitas entrevistas... — Fazendo o que faço, levando a vida que escolhi, preciso da minha privacidade.

— Por que aceitou dar esta?

— Porque sou benemérito da universidade e, em termos práticos, não consegui me livrar da Srta. Kavanagh. Ela não parou de importunar meu pessoal de relações públicas, e eu admiro esse tipo de tenacidade. — Mas estou contente que você tenha aparecido, e não ela.

— O senhor também investe em tecnologias agrícolas. Por que se interessa por essa área?

— Não podemos comer dinheiro, Srta. Steele, e há muita gente neste planeta que não tem o que comer. — Olho para ela, inexpressivo.

— Essa justificativa soa muito filantrópica. É algo que o torna passional? Alimentar os pobres do mundo?

Ela me observa com um olhar intrigado, como se eu fosse um enigma, mas de jeito nenhum quero que ela enxergue minha alma escura. Essa não é uma área aberta a discussão. *Passa para outra, Grey.*

— É um negócio inteligente — murmuro, fingindo tédio, e me imagino foderendo aquela boca para me distrair de todos os pensamentos de fome. Aquela boca precisa mesmo de treino, e imagino-a ajoelhada na minha frente. Essa ideia, sim, é atraente.

— O senhor tem uma filosofia? Caso tenha, qual é?

— Não tenho uma filosofia propriamente dita. Talvez alguns princípios orientadores. Como diz Firestone: “O homem que adquire a habilidade de tomar posse completa da própria mente pode tomar posse de qualquer coisa a que tenha direito.” Sou muito singular, ambicioso. Gosto de controlar, a mim e a quem me cerca.

— Então gosta de possuir coisas?

Sim, baby. Você, para começar. Franzo o cenho, espantado com a ideia.

— Quero merecer possuí-las, mas sim, em resumo, eu gosto.

— O senhor parece ser um consumidor voraz. — A voz dela tem um tom de desaprovação, o que me deixa puto de novo.

— Eu sou.

Ela soa como uma criança rica que teve tudo o que sempre quis, mas quando olho melhor para suas roupas — ela está vestindo peças de alguma loja barata como Old Navy ou H&M — sei que não é o caso. Ela não cresceu numa casa opulenta.

Eu realmente poderia cuidar de você.

De onde diabo veio essa ideia?

Embora, ao pensar nisso, eu precise, sim, de uma nova sub. Já faz, o que... dois meses desde Susannah? Cá estou eu, com água na boca por causa dessa mulher. Tento dar um sorriso agradável. Não há nada de errado com o consumo, afinal, isso faz funcionar o que resta da economia americana.

— O senhor foi adotado. Até que ponto acha que isso moldou sua maneira de ser?

O que isso tem a ver com o preço do petróleo? Que pergunta ridícula. Se tivesse ficado com a prostituta drogada, provavelmente eu estaria morto. Enrolo-a com

uma não resposta, tentando manter a voz serena, mas ela me pressiona, exigindo saber que idade eu tinha quando fui adotado.

Cale a boca dela, Grey!

Meu tom de voz fica frio.

— Isso é assunto de domínio público, Srta. Steele.

Ela devia saber disso também. Parece contrita ao colocar atrás da orelha uma mecha de cabelo que escapuliu. Ótimo.

— O senhor teve que sacrificar a vida familiar por causa do trabalho.

— Isso não é uma pergunta — murmuro.

Ela se espanta, visivelmente constrangida, mas faz a gentileza de se desculpar e repetir a frase, agora sim num tom de pergunta:

— O senhor teve que sacrificar a vida familiar por causa do trabalho?

O que eu quero com uma família?

— Eu tenho família. Tenho um irmão, uma irmã e pais amorosos. Não tenho interesse em expandir minha família além desse ponto.

— O senhor é gay, Sr. Grey?

Como é que é?

Não consigo acreditar que ela tenha dito isso em voz alta! Ironicamente, a pergunta que nem meus próprios familiares fariam. Como ela se atreve? Tenho um desejo súbito de arrastá-la da cadeira, curvá-la sobre o meu joelho, espancá-la e depois comê-la na minha mesa com as mãos amarradas atrás das costas. Isso responderia à sua pergunta ridícula. Respiro fundo e me acalmo. Para meu deleite vingativo, ela parece mortificada com a própria pergunta.

— Não, Anastasia, não sou.

Ergo as sobrancelhas, mas mantenho a expressão impassível. *Anastasia*. É um nome lindo. Gosto como minha língua enrola em torno dele.

— Peço desculpas. Está... hum... escrito aqui.

Ela está fazendo de novo aquilo de colocar o cabelo atrás da orelha. Obviamente é um cacoete.

— Essas perguntas não são suas? — questiono, e ela empalidece.

Droga, ela realmente é atraente, de um jeito discreto.

— Hum... não. Kate... A Srta. Kavanagh. Ela compilou as perguntas.

— Vocês são colegas no jornal dos alunos?

— Não. Eu divido o apartamento com ela.

Não surpreende que ela esteja toda confusa. Coço o queixo, me questionando se devo dificultar ou não as coisas para ela.

— Você se ofereceu para fazer esta entrevista? — pergunto, e sou recompensado com seu olhar submisso: ela fica nervosa com a minha reação. Gosto do efeito que provoço nela.

— Fui convocada. Ela está passando mal. — Sua voz é delicada.

— Isso explica muita coisa.

Ouve-se uma batida à porta, e Andrea entra.

— Sr. Grey, desculpe interromper, mas a próxima reunião é em dois minutos.

— Ainda não terminamos aqui, Andrea. Por favor, cancele a próxima reunião.

Andrea me olha boquiaberta, parecendo confusa. Encaro-a fixamente. *Fora!* Já! Estou ocupado aqui com a pequena Srta. Steele.

— Está bem, Sr. Grey — diz ela, recompondo-se depressa, e, girando nos calcanhares, sai da sala.

Volto minha atenção para a criatura intrigante, frustrante, em meu sofá.

— Onde estávamos, Srta. Steele?

— Por favor, não quero incomodá-lo.

Ah, não, baby. É a minha vez agora. Quero saber se há algum segredo por trás desse rostinho lindo.

— Quero saber sobre você. Acho que é muito justo.

Quando me recosto e pressiono os dedos nos lábios, os olhos dela se voltam rapidamente para minha boca e ela engole em seco. *Ah, sim, o efeito de praxe.* E é gratificante saber que ela não está completamente alheia aos meus encantos.

— Não há muito que saber — diz ela, o rubor voltando.

Eu a estou intimidando.

— Quais são seus planos para depois que se formar?

— Não fiz planos, Sr. Grey. Só preciso passar nas provas finais.

— Temos um excelente programa de estágios aqui.

O que deu em mim para dizer isso? É contra as regras, Grey. Nunca trepe com funcionárias... Mas você não está trepando com essa garota.

Ela parece surpresa, e seus dentes tornam a cravar-se naquele lábio. Por que isso é tão excitante?

— Ah. Vou me lembrar disso — responde ela. — Apesar de não ter certeza se me encaixaria aqui.

— Por que diz isso? — pergunto. *O que há de errado com a minha empresa?*

— É óbvio, não é?

— Não para mim.

Fico confuso com a resposta. Ela está nervosa de novo quando estica o braço para o gravador.

Merda, ela está indo embora. Mentalmente, verifico minha agenda para aquela tarde. Não há nada que não possa esperar.

— Gostaria que eu a levasse para conhecer a empresa?

— Tenho certeza de que o senhor é ocupado demais, Sr. Grey, e tenho uma longa viagem pela frente.

— Vai voltar dirigindo para Vancouver? — Olho pela janela. É uma viagem infernal, e está chovendo. Ela não devia estar dirigindo com um tempo desses, mas não posso proibi-la. Esse pensamento me irrita. — Bem, seria melhor dirigir com cuidado. — Minha voz sai mais severa do que eu pretendia.

Ela se atrapalha com o gravador. Quer sair do meu escritório, mas, para minha surpresa, não quero que ela vá embora.

— Conseguiu tudo de que precisava? — pergunto num claro esforço de prolongar a permanência dela.

— Sim, senhor — diz ela tranquilamente. Sua resposta me deixa perplexo, o jeito como aquelas palavras soam, vindo daquela boca inteligente. Por um instante, imagino aquela boca pronta para me obedecer. — Obrigada pela entrevista, Sr. Grey.

— O prazer foi meu — digo sinceramente, porque já fazia tempo que alguém não me fascinava tanto. Essa ideia é desestabilizadora.

Ela se levanta e estendo a mão, ansioso para tocá-la.

— Até a próxima, Srta. Steele. — Minha voz sai baixa quando ela coloca a mão na minha.

Sim, quero açoitá-la e foder essa garota no meu quarto de jogos. Tê-la amarrada e me desejando... precisando de mim, confiando em mim. Engulo em seco.

Isso não vai acontecer, Grey.

— Sr. Grey.

Ela faz um gesto com a cabeça e retira a mão depressa, depressa demais.

Não posso deixá-la ir embora assim. É óbvio que está desesperada para sair. É irritante, mas tenho uma inspiração ao abrir a porta da minha sala.

— Só estou garantindo que passe pela porta — brinco.

Seus lábios formam uma linha tensa.

— É muita consideração sua, Sr. Grey — diz ela rispidamente.

A Srta. Steele dá o troco! Atrás dela, sorrio quando ela sai e acompanho-a. Tanto Andrea quanto Olivia erguem os olhos em estado de choque. *Sim, sim, só estou acompanhando essa moça até a porta.*

— Você veio de casaco? — pergunto.

— De jaqueta.

Lanço um olhar significativo a Olivia, e ela imediatamente se levanta em um pulo para pegar uma jaqueta azul-marinho, entregando-a a mim com aquela expressão afetada de praxe que ela tem. Nossa. Olivia é irritante, suspirando por mim o tempo todo.

Hum. A jaqueta é surrada e barata. A Srta. Anastasia Steele deveria se vestir melhor. Seguro-a para ela e, quando a coloco sobre seus ombros esguios, toco a pele na base do seu pescoço. Ela fica paralisada com o contato e empalidece.

Sim! Eu a afeto. Saber disso é imensamente prazeroso. Ando até o elevador e aperto o botão enquanto ela fica em pé irrequieta ao meu lado.

Ah, eu poderia acabar com esse seu desassossego, baby.

As portas se abrem e ela entra apressada, depois se vira para ficar de frente para mim. Ela é mais que atraente. Eu chegaria até a dizer que é linda.

— Anastasia — digo, como forma de despedida.

— Christian — responde ela, com uma voz doce.

As portas do elevador se fecham, meu nome fica pairando no ar entre nós, soando estranho e desconhecido, mas sensual para cacete.

Preciso saber mais sobre essa garota.

— Andrea — grito ao voltar para minha sala. — Coloque Welch na linha para mim, agora.

Quando me sento à mesa e aguardo a ligação, observo os quadros na parede da minha sala, e me lembro das palavras da Srta. Steele. “*Tornam extraordinário um objeto comum.*” Ela poderia muito facilmente estar me descrevendo.

Meu telefone toca.

— Estou com o Sr. Welch na linha para o senhor.

— Pode passar a ligação.

— Sim, senhor.

— Welch, preciso de um levantamento de antecedentes.

Na voz de **Christian**, e através de seus pensamentos, reflexões e sonhos, **E L James** oferece uma nova perspectiva da história de amor que dominou milhares de leitores ao redor do mundo.

CHRISTIAN GREY controla tudo e todos a seu redor: seu mundo é organizado, disciplinado e terrivelmente vazio – até o dia em que Anastasia Steele surge em seu escritório, uma armadilha de pernas torneadas e longos cabelos castanhos. Christian tenta esquecê-la, mas em vez disso acaba envolvido num turbilhão de emoções que não compreende e às quais não consegue resistir. Diferentemente de qualquer mulher que ele já conheceu, a tímida e quieta Ana parece enxergar através de Christian – além do empresário extremamente bem-sucedido, de estilo de vida sofisticado, até o homem de coração frio e ferido.

Será que, com Ana, Christian conseguirá dissipar os horrores de sua infância que o assombram todas as noites? Ou seus desejos sexuais obscuros, sua compulsão por controle e a profunda aversão que sente por si mesmo vão afastar a garota e destruir a frágil esperança que ela lhe oferece?

CONTEÚDO ADULTO

www.intrinseca.com.br

www.twitter.com/intrinseca

www.cinquatonsdecinza.com.br/grey

